



Vista do edificio de Santa Cruz de Coimbra.

para o mesmo lado do norte e que dava entrada por uma escada de caracol para o primeiro e segundo andar: todo o cirado é guarnecido de parapeitos e ameias abertas no centro com sêtteiras em forma de cruz, mas estas ameias e parapeitos estão pela maior parte obstruídos de hera que se tem assenhoreado da maior porção das paredes.

O segundo andar immediato á abobada nada tem de notavel.

No primeiro existe como já se disse uma especie de oratorio guarnecido com duas pequenas columnas gothicas com capiteis da mesma ordem, e uma especie de throno com degraus de granito. No andar terreo quasi a um canto existe a entrada para a cisterna, que se acha toda entulhada.

Uma das obras mais singulares d'este monumento é um poço quadrado, que se suppõe ser de grande profundidade: é forrado de pedra de cantaria e a elle se desce por uma escada de caracol que lhe fica ao lado, guarnecida de grandes janellas ponteagudas voltadas para o poço, e postas em linha perpendicular. Este poço suppõe-se muito entulhado, mas ainda existem quatro janellas livres na altura de quarenta e dois palmos.

### O amor e o dever

## COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

SCENA XII.

OS MESMOS, D. CHRISTINA, BARÃO D'OLIVEIRA, CESAR E SEBASTIÃO, dando o braço a MARGARIDA e a ADELAIDE.

SEBASTIÃO (acompanhado de Cesar, que o não deixa, faz sentar Adelaide e Margarida no sophá) — Toco muito mal, e muito pouco. (á parte) Onde foi este demonio descobrir-me a flauta?

CESAR (dando-lhe a caixa da flauta) — Ora va-

ro, eis-nos em campo

CESAR — Vamos a isso. (executa uma walsa: Eduardo e Christina saem pelo centro para as salas contiguas, onde tem lugar o baile).

SEBASTIÃO — Fiquei pintado! (põe a flauta á bocca para tocar) Afine, afine, senhor Cesar.

JOÃO DE CASTRO — Bravo! é magnifico ver Sebastião a assoprar na flauta; digam-me se não se parece com o pastor Giraldo quando lhe dá para tocar clarinete.

BARÃO — Faz o que pode.

JOÃO DE CASTRO — Olhem, meus amigos, faziam serviço se fossem tocar para a outra sala, porque d'aqui não os ouvem, e a nós ensurdecem-nos.

(Cesar e Sebastião entram tocando para a outra sala).

FERNANDO — E' certo que os nossos ouvidos ficam mais socegados, e os pares dançam debaixo d'outra animação.

JOÃO DE CASTRO — Repare, barão, que figura a do pobre Cesar com a cabeça deitada na rebeca, e o braço fogo que fogo... (rindo) Ah! ah! ah!

BARÃO — Pobre moço, é hoje victima d'estes assaltos.

JULIO (chegando-se a Margarida) — Porque heide vê-las sempre tristes esta noite?

MARGARIDA — Porque nem sempre se encontra alegria no meio de uma festa.

JOÃO DE CASTRO — E aquelle pobre flautista já a deitar os bofes pela bocca fora... assopra, assopra, meu amigo.

BARÃO — Vamos, se não fossem elles, as damas poderiam queixar-se de insipidez.

JOÃO DE CASTRO (indo a Julio que conversa baixo junto ao sophá com Margarida e Adelaide) — Ó meu caro... não percas um tempo precioso... (tomando-lhe o braço) A musica convida, e talvez que alguma dama te espere para seu par... Anda, vae... vae divertir-te, meu amigo... (leva-o ás entradas do fundo, e impelle-o para as outras salas) Dança, dança, não esperdices tão bons momentos... (volta ao lado do barão).

MARGARIDA — Meu marido desconfia do grande mysterio que ha entre nós e Julio.

sem musica.

CESAR (á parte) — Velhaco! (alto) Ó meu caro, identica fatalidade veiu por cá... foram-se-me duas cordas á rebeca!

SEBASTIÃO (á parte) — Ui! que tratante! (alto) Ora essa! então o senhor esticou as cordas a esse ponto?!

CESAR — E o senhor soprou de maneira que arrombasse o canudo á flauta?!

BARÃO — Logo os dois... parece incrivel!

JOÃO DE CASTRO — Meus amigos, aqui andou tramaioia...

CESAR e SEBASTIÃO (apresentando cada um o seu instrumento) — Olhem.

TODOS (rindo) — Ah! ah! ah!

D. CHRISTINA (que vem pelo braço de Eduardo, e é seguida de Julio) — E' muito mal feito! cessarem de tocar quando a influencia e o ardor da walsa se pronunciava em favor dos pares...

EDUARDO — Parece que estavam combinados.

JULIO — Cesar, isso é muito mal feito, e muito ridiculo.

CESAR — Pois sim, isso é verdade; mas vejam se descobrem meio de tocar n'uma rebeca em que faltam duas cordas.

SEBASTIÃO — Sim, digam-me se alguem tira sons de uma flauta rachada.

D. CHRISTINA — Não haverá meio de remediar...

CESAR e SEBASTIÃO — Nenhum, nenhum.

JULIO — Agora que a dança começava a inspirar...

BARÃO — O que posso fazer é offerecer-me para tocar alguma coisa ao piano.

D. CHRISTINA — Aceito, senhor barão, e agradeço-lhe. Remediamos d'esse modo uma falta deploravel.

(Os convidados vão entrando, uns sentam-se, outros jogam nas bancas do fundo, etc.).

SCENA XV.

OS MESMOS, JOSÉ DE MIRANDA, SIMÃO.

JOSÉ DE MIRANDA — Bravo, a reunião está inte-

